

13

O DISCURSO RELIGIOSO E A TRÍPLICE INFLUÊNCIA: ARGUMENTAÇÃO, TEXTO E PROSÓDIA

Edleia Montes Lopes Rodrigues

Mestre em Lingüística pela Universidade de Franca (Unifran).

Maria Flávia Figueiredo

Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara.

Docente do Programa de Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca (Unifran) e psicanalista.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam na constituição da persuasão no texto oral religioso da igreja evangélica da atualidade. O objetivo geral é mensurar se os recursos textuais, argumentativos ou prosódicos se manifestam com a mesma influência dentro do discurso, ou se existe algum deles que se sobressai impondo um padrão. A hipótese central fundamenta-se em questionar a existência de uma colaboração entre a prosódia e os outros elementos de persuasão. Após análise do *corpus*, a partir de distintos olhares: contexto histórico, lingüística textual, argumentação e prosódia, concluímos que no discurso em estudo a prosódia se destaca. Ela, articulada concomitantemente aos outros recursos, exerce influência e colabora de forma decisiva para a constituição do sentido no texto.

Palavras-chave: discurso religioso; argumentação; lingüística textual; prosódia.

ABSTRACT

This dissertation offers an analysis of the argumentative and prosodic elements that influence the composition of the persuasion in an oral religious text of the evangelic church nowadays. The general purpose is to measure if the textual, argumentative or prosodic resources appear with the same influence in the lecture, or if there is one of them which is more evident and imposes a particular style in the lecture. The fundamental question that drives this research is whether there is collaboration between the prosody and the others elements of persuasion. After analyzing the *corpus* from different points of view: social historical contextualization, text linguistics, argumentation and prosody, the results of the research demonstrated that the prosody prevails over the other aspects. It exercises influence, and when it is articulated, it has a decisive role in the constitution of meaning in the text.

Key words: religious lecture; prosody; text linguistics; argumentation.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um fragmento de uma pesquisa que buscou analisar os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam na constituição da persuasão no texto oral religioso da igreja evangélica brasileira da atualidade.

Sabemos que grande parte dos evangélicos se envolveu ou foi cativada por meio do discurso. Assim, reconhecendo o valor desse discurso nos dias atuais, nossa pesquisa visou estudá-lo e entendê-lo, tendo como foco a lingüística.

Selecionar um objeto de pesquisa, ou um *corpus* que pudesse refletir a maioria ou, ao menos, que representasse parte expressiva do grupo de evangélicos no Brasil, constituía nossa preocupação desde o início. Nesse processo, muitos palestrantes foram sondados e ouvidos, porém, norteamo-nos pela revista semanal *Veja*, n. 27, de 12 de junho de 2006, que trouxe a seguinte reportagem de capa: O PASTOR É SHOW: uma nova geração de pregadores dá espetáculo e reinventa a fé que mais cresce no Brasil. Essa revista trouxe um dado que chamou a atenção: “Malafaia tornou-se o campeão brasileiro de venda de DVDs e CDs de pregação (1 milhão de unidades comercializadas por ano) com o discurso evangélico da moda.” (p. 83)

Assim, influenciados pelos números, que consideramos expressivos, selecionamos o palestrante, Silas Malafaia, pastor e psicólogo. E, após ouvirmos e analisarmos muitas palestras, influenciados pela atualidade do assunto, selecionamos como *corpus* a palestra intitulada: “Homossexualismo, aborto e células-tronco, a verdade que você precisa saber”.

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar qual a influência que os elementos argumentativos e prosódicos têm na constituição da persuasão no texto oral religioso proferido por Silas Malafaia. Objetivando também mensurar se algum desses elementos se manifesta de forma mais evidente que os demais; e assim, sobrepondo-se a outros,

impõe um padrão que aparentemente tem influenciado o público dos discursos religiosos atuais, especialmente o evangélico.

A pesquisa objetiva ainda verificar se a força da conquista desse novo padrão de discurso se baseia em um conjunto de elementos que, quando articulados concomitantemente, provocam um efeito significativo e marcante, ou se é possível apenas uma das áreas ser curiosamente a grande responsável por gerar tal fenômeno.

Por se tratar de um trabalho que lida com um *corpus* essencialmente oral, a estratégia metodológica foi desempenhada seguindo os seguintes caminhos: ouvir, observar, destacar e transcrever os pontos relevantes e que se mostraram interessantes para o estudo em questão e, aos quais, a teoria se aplicava.

O arcabouço teórico utilizado refere-se às áreas de Lingüística Textual, Argumentação, Fonética e Fonologia (mais especificamente as funções lingüísticas prosódicas). Além dos teóricos específicos de cada área, contou-se também com os recursos tecnológicos do programa de computação *Sound Forge*.

Primeiramente fez-se uma contextualização histórica, depois uma pesquisa das três áreas mencionadas: lingüística textual, argumentação e prosódica. Por fim, uma análise que consideramos a espinha dorsal da pesquisa, em que podemos encontrar exemplos contendo os três aspectos. Nesse ponto, verificou-se a existência de um elo entre esses aspectos, bem como a maneira como cada um se apresenta no discurso, influenciando ou sofrendo influências. Em especial, o foco se concentrou na prosódia, que acreditamos ser o gerador responsável de um efeito diferenciado no discurso evangélico da atualidade.

EVANGÉLICOS NO BRASIL: TRAJETÓRIA, HISTÓRIA E MARCAS

Com relação à contextualização sócio-histórica, destacamos a abrangência da igreja evangélica no Brasil, em especial da Assembléia de

Deus, que é a maior delas, e também a igreja a que pertence o palestrante em estudo, Silas Malafaia. A abordagem desse assunto teve como alvo conhecer melhor a estrutura, o sistema de governo e em especial os aspectos culturais, filosóficos e as crenças que envolvem a instituição a que pertence o palestrante e o público a que ele se dirige.

Consideramos importante essa contextualização sócio-histórica tendo em vista o fato de que para entendermos bem um discurso e a força de sua abrangência sobre determinado público, precisamos antes conhecer aspectos que dizem respeito à realidade do público que o recebe, bem como de sua linguagem, seu contexto, suas práticas etc.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 580) afirmam:

Toda linguagem é linguagem de uma comunidade, quer se trate de uma comunidade unida por laços biológicos ou pela prática de uma disciplina ou de uma técnica em comum. Os termos utilizados, seu sentido, sua definição, só são compreendidos no contexto fornecido pelos hábitos, pelos modos de pensar, pelos métodos, pelas circunstâncias exteriores e pelas tradições conhecidas dos usuários.

Enfim, quanto mais conhecermos o contexto e a realidade dos evangélicos no Brasil, melhor compreenderemos o discurso que estão ouvindo. No caso específico, o discurso que tomamos como *corpus*.

De acordo com os teóricos, a formação cultural dos ouvintes e, em especial, a do palestrante, exercem influência tanto na elaboração como na recepção da mensagem. Ou seja, a cultura e o credo adotados por um grupo social compõem e cooperam para o resultado final de um discurso e a maneira como o mesmo é recebido. Assim, diante do que pesquisamos, percebemos que tais fatos exercem papéis importantes na construção do discurso e não podem ser negligenciados.

Um exemplo desta realidade é que o palestrante em estudo usa, em muitos momentos, a Bíblia como fonte de argumentação. Ou seja,

para a maioria dos evangélicos que o ouve, ele está fazendo uso de argumentos irrefutáveis, pois faz parte da crença desse grupo adotar a Bíblia como palavra incontestável. Assim, em função de um contexto histórico-social, um argumento toma dimensões diferentes.

Outras diretrizes importantes que a pesquisa sobre esse grupo pôde acrescentar foram: a consciência de que a linguagem utilizada por um de seus líderes é bastante acessível à maioria das pessoas comuns; aspecto que além de aproximar o palestrante do ouvinte, facilita a compreensão da mensagem. E ainda, que os cultos são cheios de emoção, o que justifica, em muitas situações, alguns comportamentos encontrados no *corpus* tanto por parte do orador como de seus ouvintes.

Consideramos que dados dessa natureza não podem ser desprezados, pois apresentam considerável grau de relevância no momento da análise de um discurso. Por isso, nos empenhamos na pesquisa e averiguação do contexto sócio-histórico a que pertence tanto o palestrante assim como seus ouvintes, pois acreditamos que o conhecimento de tais informações coopera para uma compreensão mais ampla do assunto.

Percebeu-se, através da pesquisa, que pela proximidade com o público, há no discurso proferido nos púlpitos evangélicos pelos pastores e líderes uma chama de realidade, de experiência, onde o palestrante o permeia com modelos e até antimodelos, que são aspectos muito fortes na argumentação, bem como os testemunhos pessoais, que possuem força própria e espontaneamente faz com que esse discurso deixe de ser abstrato e se encharque de realismo.

Ainda que não enxerguemos, há um diálogo que se trava no meio desse discurso. Uma cumplicidade referente à condição de igualdade que é compartilhada entre falante e ouvinte. Como diz Reboul (2004, p. 105):

Ensinar uma matéria é conferir-lhe uma clareza, uma co-

erência que ela não tem necessariamente como ciência, é passar da invenção à elocução e à ação, porém muitas vezes em detrimento do conteúdo propriamente científico.

Essa clareza e coerência, de certa maneira, estão relacionadas com as experiências que são passadas durante as preleções, ou seja, o sermão deixa o mundo das idéias e parte para o mundo das ações.

E é ainda Reboul (2004, p. xix) que diz:

Para ser bom orador, não basta saber falar; é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja esse discurso manifesto ou latente, detectar suas ciladas, sopesar a força de seus argumentos e, sobretudo captar o não-dito.

Da mesma forma que o orador precisa ter essa sensibilidade, o ouvinte também está permeável a esses sentimentos; ele também está ali não apenas ouvindo o que lhe fala, mas participando e compreendendo o discurso que lhe está sendo colocado, bem como detectando a força dos seus argumentos e captando o não-dito.

CONDIÇÕES E ELEMENTOS DIVERSOS QUE CORROBORAM A CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO/ORAL

Koch (2003) afirma que, curiosamente, existem textos escritos que se situam muito próximos do pólo da fala conversacional. E existem também textos falados que se aproximam bastante do pólo da escrita formal. Por fim, existem ainda os textos mistos. A partir dessa afirmação, é possível dizer que o texto em estudo se encaixa na modalidade dos textos mistos.

Koch (2003, p. 77) cita Halliday nas seguintes palavras:

Enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado, ao contrário do que se costuma afirmar, possui

maior complexidade sintática. Desta forma, fala e escrita apresentam tipos de complexidade diferentes.

Fávero (2005) diz que a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto. Com base nessa afirmação, é importante destacar que o texto por nós analisado se trata de uma palestra, que apresenta tanto marcas de um texto escrito como de um texto falado.

Fávero (2005) apresenta alguns fatores constitutivos da atividade conversacional com relação à organização da fala e da escrita.

Com relação à situação discursiva, geralmente o evento palestra apresenta as seguintes características: formal, tendo em vista sua estrutura; o evento da fala é profissional, institucional e o tema é prévio. O objetivo do evento também é prévio e o grau de preparo necessário para a efetivação dele é elevado.

Em contrapartida, em outros momentos, apresenta-se informal, em que o palestrante se expressa de maneira muito direta. Nesse instante o evento da fala é casual e espontânea, com temas também casuais. O objetivo do evento é nenhum e o grau de preparo necessário é muito pouco, e, em certos momentos, quase nenhum.

Como afirma Koch (2003), é justamente nessa informalidade que é possível interromper e corrigir quando se percebe que algo foi formulado errado; ou ainda inserir explicações e/ou exemplos, ou fazer uso de paráfrases para que seu interlocutor compreenda de maneira plena o que se deseja dizer. E ainda acrescentar expressões atenuantes quando se percebe que algo ofensivo ou excessivamente categórico foi dito.

Com relação à estrutura do texto escrito, Fávero (2005) afirma que o mesmo apresenta características ou marcas lingüísticas que orientam e direcionam o interlocutor, com o fim de proporcionar o efeito de compreensão pretendido pelo produtor. Em um texto em que

encontramos unidade, as idéias secundárias estão sempre relacionadas à idéia principal. Há coerência, quantidade de informação adequada ao objetivo do texto, concisão, clareza e facilidade de compreensão.

Ainda baseados nas considerações de Fávero (2005), vamos perceber que as atividades de formulação do texto oral podem ser subdivididas em dois tipos de formulações: a formulação *stricto sensu*, aquela em que o locutor não encontra problema de processamento, que geralmente são raras em um texto oral; e a formulação *lato sensu*, em que ele encontra problemas de formulação e deve resolvê-los. É quando acontecem as hesitações, paráfrases, repetições e correções, tão comuns e presentes na grande maioria dos textos orais.

Segundo Koch (2003), entre as principais estratégias de processamento do texto falado podemos citar as funções de inserção, que nada mais são que um tipo de estratégia a que o locutor recorre para incluir algum tipo de material lingüístico, que podem ter vários intuitos. Alguns destes são para introduzir explicações, justificativas, ilustrações, exemplificações, introdução de comentários metaformativos, ou ter a função interacional, de despertar ou manter o interesse daquele que está ouvindo, até mesmo com comentários jocosos.

A reformulação, retórica ou saneadora, também é uma das principais estratégias usadas na construção do sentido do texto falado. No caso da reformulação retórica que se caracteriza essencialmente pelo aspecto interacional, acontece basicamente por meio de repetições e parafraseamentos, com uma função bem definida: reforçar a argumentação. Ela pode ter também a função cognitiva de facilitar a compreensão.

Acreditamos que os fatores constitutivos da atividade conversacional, elementos que estruturam o texto escrito, marcadores convencionais, atividades de formulação, tudo isso atrelado às condições de produção

e manuseado de forma equilibrada e eficaz certamente pode dar ao texto um significado diferente e mais abrangente.

Por considerarmos relevante para a análise o conhecimento do gênero a que pertence o objeto de estudo, faremos uma breve definição de gênero.

É impossível comunicar-se verbalmente a não ser por um gênero.

o gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da lingüística. (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p.8)

Importante deixar claro que gênero de texto não é tipo discursivo. Trata-se de seguimentos do texto ou até mesmo textos inteiros que apresentam características próprias em diferentes níveis.

Gênero de texto, afirma Bronckart (1999), não é tipo de seqüência, que tão-somente organiza o conteúdo temático de forma linear. Porém, Jean-Michel Adam (1992) propõe uma classificação de seqüências que, com suas características e propriedades, marcam o texto e viabilizam definir a que gênero pertencem. Tais seqüências se classificariam como: dialogal, descritiva, narrativa, explicativa, argumentativa e injuntiva.

Diante disso, e norteados por um esquema que se sustenta no contexto de produção textual, no conteúdo temático, na organização textual, na seleção de itens lexicais mais freqüentes e nos gêneros similares, bem como todas as particularidades que compõem cada item citado, é que pretendemos classificar a que gênero pertence o *corpus*.

Tal análise envolve ainda aspectos como: conteúdo que será verba-

lizado; espaço-tempo em que o emissor e o receptor se situam; lugar social, no qual realiza a interação; papéis sociais desempenhados pelo emissor e receptor; efeitos que o produtor quer produzir no destinatário. Enfim, um conjunto minucioso que contribui para formação de determinado gênero.

ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA E SUAS FERRAMENTAS SIGNIFICANTES

Retórica, mais conhecida como a arte de convencer e persuadir pelo discurso. Reboul (2004) a define como multidisciplinar e pluralista, não somente por estar presente em tudo quanto concerne à comunicação, mas também por ser utilizada em todas as controvérsias, ensinando o sentido tanto do relativo como do plural.

Como é sabido de muitos, e em conformidade com os pensamentos de Citelli (2005), por muito tempo a retórica se apresentou com uma roupagem curiosa, vista basicamente como recursos que enchem o discurso de beleza. Porém, com os estudos primordiais algo novo começou a acontecer.

Tais estudos, especialmente os efetuados por Aristóteles, que tinha por foco analisar os discursos do seu tempo, direcionou as pesquisas para averiguar a existência de certos elementos estruturais que eram comuns a discursos diversos, e que poderiam, através dos estudos retóricos, contribuir para o entendimento dos mecanismos da persuasão. Nos últimos anos podemos presenciar grandes avanços no que diz respeito aos estudos da retórica.

Segundo Von Clausewitz, gênio militar alemão citado por Abreu (2001), saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E Abreu (2001) afirma que, para ele, o verdadeiro sucesso no campo da argumentação está naquele que possui a habilidade de relacionamento interpessoal e a capacidade de comunicar

idéias e emoções. No seu modo de pensar, isso está relacionado à arte de argumentar, de gerenciar informações.

Em sua obra, Abreu (2001, p. 93) define argumentação da seguinte forma:

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções.

Nesse sentido, argumentar engloba um universo mais extenso, onde não basta apenas gerenciar informações. As dimensões apresentadas por ele colocam-se de forma mais abrangente, pois há necessidade também de um gerenciamento de relações.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50) definem o objetivo da argumentação:

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (p.50)

Ao tratar da “adesão dos espíritos”, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) estão se referindo à comunidade intelectual, que ainda, segundo ele, deve ser bem conhecida por aquele que argumenta, pois é no contato dos “espíritos” que o argumentador vai desfrutar de condições ideais para exercer sua argumentação. Assim, eles acreditam que a argumentação não somente está diretamente relacionada com a adesão a uma tese, mas está também intrinsecamente ligada ao fato de desejar desencadear no outro uma atitude ou reação.

Uma das regras de comunicação destacadas por Reboul (2004) refere-se à vivacidade do orador. Ele deve viver seu próprio discurso, entranhar-se nele e dar-lhe cor, dinamismo, vida e humor. Ser criterioso na escolha das palavras, de preferência fazer uso daquelas que expressam sentimentos concretos, bem como observar o ritmo com que as pronuncia. Por fim, deve ser breve, pois ainda segundo o autor, a brevidade constitui a força das máximas.

E Reboul (2004), ao citar os pensamentos de Aristóteles com relação a este tema, cita os três tipos de argumentos que ele considerava instrumentos de persuasão: etos e patos, que são de ordem afetiva, e logos, que é racional. O autor afirma, ainda, que o etos é um tipo de afetividade que se mostra de forma calma, comedida, duradoura, submetida ao controle mental, e diz respeito ao orador. Ele afirma que conforme o público a que está falando, o orador apresenta etos diferentes.

Já o patos se refere mais a uma afetividade súbita, violenta, irreprimível, portanto irresponsável, e diz respeito ao auditório. Segundo Reboul (2004), o patos é um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. E quanto mais esse orador tiver conhecimento da psicologia das diversas paixões, mais abrangente será sua abordagem.

O logos diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.

Qualquer discurso bem estruturado é composto por três partes bem definidas: a introdução, momento em que ocorrem os primeiros contatos com o receptor; a narração, em que o orador desenvolve a maior parte do seu raciocínio, e na qual encontramos também uma diversidade maior de argumentos, e, por fim, a peroração, que diz respeito à parte final do discurso, em que o orador procura sintetizar suas idéias e efetivar seus argumentos.

Quanto ao gerenciamento de relação, Reboul (2004, p. 55) diz, ao referir-se ao exórdio, ou seja, introdução, que sua função é essen-

cialmente fática, “tornar o auditório dócil, atento e benevolente”. E Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 21) afirmam: “Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela”. Ou seja, ambos concordam que o contato inicial com o auditório, os primeiros momentos de interação com aqueles a quem se deseja falar, são de extrema importância.

Com relação à introdução, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) defendem a tese de que no processo de convencimento, há necessidade de um acordo entre o orador e seus ouvintes. Dessa forma, baseadas em fatos ou em presunções, ou em argumentos explícitos ou implícitos, teses secundárias, que se apresentam de forma mais amena e familiar ao ouvinte, funcionariam como trampolim e dariam não somente sustentação, mas também mais estabilidade à tese principal.

Em seguida passa-se à narração propriamente dita. É também a parte mais extensa. Reboul (2004, p. 56) afirma que “é na narração que o logos supera o etos e o patos”, ou seja, o caráter racional sobrepõe ao afetivo. Ele ainda acrescenta que para que a narração seja eficaz, “ela deve ter três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade”.

É dentro da narração, que muitos processos se dão. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), dentro da tese que defendem, apresentam uma linha de pensamento que gostaríamos de abordar. São argumentos e estratégias que contribuem para que o processo de narração aconteça de forma mais clara, precisa e menos abstrata: argumentos quase lógicos e suas ramificações; e argumentos baseados na estrutura do real e suas subdivisões.

O processo de escolha desses argumentos, ou seja, quando e como usar cada um, depende unicamente do orador que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 524), estarão sempre focando a força

que cada argumento possui: “tanto pela dificuldade que haveria para refutá-lo como por suas qualidades próprias”.

São classificados como argumentos quase lógicos por se compararem a raciocínios formais, lógicos e matemáticos e, conseqüentemente, pretendem certa força de convicção. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 220), são caracterizados ainda por “seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal.”

Os argumentos quase lógicos se apresentam, em geral, de uma forma mais explícita. Apesar de sua ampla extensão, nos limitaremos a citar apenas os listados abaixo: regras de justiça, argumento de retorsão, argumento do ridículo e argumento de definição.

Já os argumentos fundamentados na estrutura do real são assim definidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 297):

Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover.

Ou seja, os argumentos fundamentados na estrutura do real são argumentos que estão diretamente ligados com o juízo ou o julgamento. É preciso que haja uma racionalidade atrelada ao senso crítico para que ele se estabeleça de forma eficaz.

São eles: argumentos pragmáticos do desperdício, argumento pragmático do exemplo, argumento pragmático do modelo, argumento pragmático do antimodelo e Analogia.

Para dar maior visibilidade aos argumentos, Abreu (2001) trata dos recursos de presença que certamente vêm complementar os aspectos argumentativos. Ele acredita que as histórias são o maior recurso de

presença a ser utilizado. A esse respeito, Abreu (2001, p. 70) afirma: “Um argumento ilustrado por recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório”. Assim, o autor não somente valoriza, mas também incentiva o uso desse recurso.

A peroração, ou seja, a parte final do discurso deve ser feita com excelência, pois é nesse ponto que a afetividade se une à argumentação. A peroração é considerada por Reboul (2004) a alma da retórica.

Reboul (2004, p. 97) declara:

Numa argumentação, a conclusão não é, ou não é só um enunciado sobre o mundo; ela expressa acima de tudo o acordo entre os interlocutores. Ela deve ser mais rica que as premissas. Em segundo lugar, a conclusão é reivindicada pelo orador como algo que deve impor-se, encerrar o debate.

Tal afirmação leva-nos a crer que, ao perorar, o orador deve esmerar-se ao máximo e concentrar atenções mais intensas que as dispensadas nas premissas. Seu foco nos interlocutores não pode se desviar. A conclusão deve alcançá-los de maneira plena e irrefutável.

RECURSOS PROSÓDICOS COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE

A prosódia é parte da fonética que estuda a pronúncia das palavras e das frases. Para a lingüística atual, o termo prosódia está relacionado ao conjunto de fenômenos fônicos, que está além da representação puramente segmental linear dos fonemas.

As vogais e consoantes, na fala, consideradas como segmentos, são complementadas pelos elementos prosódicos. Segundo Cagliari (1992), esses elementos prosódicos ou supra-segmentais são elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba.

Ainda conforme Cagliari (1999), tais elementos podem ser agrupados em três grupos diferentes. O primeiro deles trata dos elementos

prosódicos da variação da altura melódica. Tais elementos estão diretamente relacionados com a tessitura, por exemplo, que diz respeito às oscilações, mais graves ou mais agudas, que deslocam a escala melódica da fala.

Outro elemento que compõe esse grupo é a entoação, variação melódica ascendente ou descendente. Também faz parte deste conjunto o tom, variação melódica que, nas línguas tonais, se dá no espaço de sílaba. E, por fim, o acento frasal que ocorre quando há uma mudança significativa da direção do nível melódico em determinada sílaba.

O segundo grupo é formado pelos elementos prosódicos de variação de duração. Um deles é o ritmo, que se caracteriza pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas. Outro é a duração, que nada mais é que a prolação alongada de elementos da fala. O terceiro é o acento, que revela as ondulações rítmicas da fala. O quarto é a pausa, silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da mesma. Existe ainda a concatenação, junção de palavras que definem a maneira como as pausas ocorrem em um enunciado. E, por fim, a velocidade da fala, que se refere à rapidez ou lentidão com que se dá um enunciado.

O terceiro grupo é composto pelo elemento prosódico de intensidade sonora, o volume, que é a variação de intensidade da voz, alta ou baixa.

Cada um desses elementos, ao ser utilizado pelo falante, revela uma intenção que vai além do significado simples e puro de cada palavra ou expressão. Eles funcionam como sinalizador para o ouvinte, indicando atitudes de persuasão, timidez, respeito, perigo, ironia, perturbação, dor, hesitação, ou quando o falante pretende colocar uma argumentação mais importante, ou ainda como estratégia para chamar a atenção ou impressionar o interlocutor.

Assim sendo, são elementos que não podem ser desprezados dentro do contexto a que pertencem. Estão revestidos de essência prosódica e, conseqüentemente, estão carregados de significação. Exercem ainda no texto falado a função lingüística pragmática, isto é, aquela que revela a atitude do falante.

Segundo pesquisadores como Bollela (2006) e Cagliari (1999), os recursos prosódicos possuem funções vitais dentro do discurso e sua ingerência dentro dele é inquestionável. Tais recursos, quando utilizados, provocam reações, instigam, chamam a atenção e não passam de maneira despercebida.

Apesar de sua abrangência e riqueza, nos limitaremos a analisar os seguintes elementos prosódicos no *corpus*: tessitura, pausa e volume.

MARCADORES LINGÜÍSTICOS E PARALINGÜÍSTICOS

Os marcadores verbais, que exercem funções estruturadoras relevantes e ainda constituem um elemento na articulação de textos, apresentam-se de formas bastante variadas. Fávero (2005, p. 45), na obra *Oralidade e escrita*, ao citar Marcuschi (1987), diz que para ele há uma subdivisão em quatro grupos: os marcadores simples, os compostos, os oracionais e os prosódicos.

Há ainda os marcadores não lingüísticos ou paralingüísticos, que nada mais são que o riso, o olhar, a gesticulação etc., que carregam em si grande potencial na interação face a face, pois não somente estabelecem contato entre as partes, mas também mantêm e regulam esse contato.

Os recursos paralingüísticos, quando presentes no discurso, também podem causar reações no ouvinte, tirando-o do lugar comum, atraindo-o e até mesmo despertando seu interesse.

ANÁLISES E EXEMPLOS DE INTERAÇÃO DOS ASPECTOS PROSÓDICOS, ARGUMENTATIVOS E TEXTUAIS

Pretendemos agora, por meio de alguns exemplos, trabalhar concomitantemente as áreas abordadas na teoria que acabamos de expor. Analisaremos como cada uma dessas áreas corrobora a construção do texto oral analisado. Nossa intenção é ainda verificar se a incidência de elementos prosódicos é capaz de exercer no *corpus* um papel diferenciado.

Entendemos que os exemplos que passaremos a expor refletirão apenas um *flash* do conteúdo total do *corpus* analisado.

Antes, porém, baseados na teoria, e depois de avaliarmos e estabelecermos uma relação com gêneros similares, bem como de considerar o plano de composição, o conteúdo temático e o estilo presente no texto, gostaríamos de afirmar que o *corpus* com que estamos trabalhando se encaixa no grupo de palestras, pregações e sermões.

Tal gênero, palestra, que pode ser exposto pelo emissor por meio de leitura ou não, apresenta, neste caso, características informais. O locutor expõe o tema de forma espontânea e, apesar de em alguns poucos momentos ler pequenos trechos, na maior parte da palestra, ele apenas segue um *script* ou um roteiro estabelecido anteriormente.

Assim sendo, estamos trabalhando com um texto que foi previamente escrito e preparado pelo palestrante, e que em função desse fato, obviamente apresenta muitas características do texto escrito. Porém, ao ser exposto de maneira espontânea e não lido, aglutina traços do texto falado, que, em certos momentos, se sobressaem.

Durante a palestra, Malafaia, ao falar de forma calorosa, incisiva, ao se comunicar com o olhar, com gestos, com expressões faciais que afetam as emoções, constrói o etos, que é o caráter que o orador assu-

me para inspirar confiança no auditório; confiança essa que Reboul (2004) considera fundamental.

Tal constatação se dá principalmente, devido ao fato de observarmos o esforço conjunto que o orador exerce na hora de comunicar-se, esforço esse que se deixa mostrar na escolha das palavras que, neste caso, envolve os aspectos textuais; na maneira como expressa cada uma dessas palavras, fazendo uso de tessituras, volumes e velocidades diferentes, que diz respeito aos aspectos prosódicos; na sua postura corporal, aspectos paralingüísticos; no seu desejo de se fazer compreender, em que usa muitas estratégias argumentativas; e na sua preparação prévia em relação ao conteúdo que transmite, fato que mais uma vez coloca em destaque aspectos textuais.

Malafaia é conhecedor das características da instituição a que pertence, assim, conhece ao mesmo tempo o caráter psicológico do seu público, o que lhe habilita a desenvolver, de forma mais precisa o patos e, conseqüentemente, atingir esse público de maneira mais contundente.

Malafaia, valendo-se de estratégias argumentativas, faz uso do argumento do antimodelo, como instrumento que pode contribuir para solidificação de suas idéias. Assim, no exemplo abaixo usa os Estados Unidos para citar as conseqüências enfrentadas pelos países onde o aborto é legalizado. Malafaia, assim, reforça o que defendem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), ao considerarem que o anti-modelo possui uma força curiosa.

Trecho 1:

Pesquisa nos Estados Unidos, precisa falar, primeiro mundo, medicina, hospital... Vai lá, hospital na América é pra qualquer americano, de qualquer classe social, as maiores e melhores tecnologias em qualquer área, eu vou mostrar pra você o engodo e o engano de se pensar que se uma mulher tiver assistência medica adequada, não vai acontecer nada eu trouxe a lista, eu trouxe aqui uma listinha (...) . Pesqui-

sa nos Estados Unidos... eu trouxe aqui uma listinha, não dá pra guardar isso, as outras coisas eu tento... essa aqui é dose... (52'08'')

Logo depois desse trecho, ele começa ler uma lista extensa de números e negativos.

Importante ressaltar que quando Malafaia cita as pesquisas, diminui o volume de sua fala, aspecto prosódico. Outros aspectos prosódicos também podem ser notados nessas circunstâncias, como a ausência de tessitura aguda, além do uso constante de pausas.

Em termos textuais, ele insere uma digressão com a função de reformar os aspectos argumentativos. Dentro dessa digressão, ele trabalha os argumentos quantitativos, quando relata os números. Ao citar os números, ele dá ênfase à tessitura aguda, aliada ao volume.

Enfim, um conjunto complexo e interessante dos aspectos textuais, prosódicos e argumentativos pode ser observado nesse trecho.

Já nos exemplos 2 e 3 que se seguem, especialmente nos trechos sublinhados, é perceptível a estrutura simples, informal, concreta e não planejável e, em certos momentos, até desestruturada da fala que, conforme Koch (2003), são características do texto falado:

Trecho 2:

E alguém disse: mas pastor, e o anencéfolos; não tem cérebro, não tem parte do cérebro; a criança vai morrer, porque não tira logo? Rapaz, eu vi uma sentença de um juiz do supremo, que agora eu esqueço o nome, do Supremo Tribunal Federal, que o camarada arrebentou a boca do balão. Olha o que esse cara me diz. Ele foi contra a permissão de um aborto de uma criança anencéfola. Ele diz assim: todo ser humano nasce pra morrer, e não está no homem determinar a hora dele morrer ((riso)). Que, que, que sacada, pastor Santos, do cara! Que sacada! Todo ser humano nasce pra morrer e não está no homem determinar a hora de morrer. (55'40'')

Trecho 3:

O cérebro humano, que é a estrutura mais complexa do ser; só no cérebro humano, você nessa cacholinha de 1,300kg; alguém que tem um cabeção maior, pode ser, ou mais forte 1,500kg; esse 1,300k que você carrega aí na cabeça, possui 10 bilhões de células interligadas por ramificações de cada uma entre de 10 e 100 mil ramificações. (30'00”)

Ainda baseados nos conceitos relacionados ao texto apresentados por Koch (2003), no trecho 3, notamos a inserção com o intuito de introduzir comentários metaformativos: “O cérebro humano, que é a estrutura mais complexa do ser”. Há uma preocupação em deixar mais claro o que foi dito. Assim, usa-se a palavra para explicar o significado de algo mais complexo ou desconhecido.

Se observarmos o mesmo trecho, sob os aspectos argumentativos, notamos a presença do argumento de definição. Essa é uma ferramenta também utilizada por Malafaia para fazer definições durante sua fala.

Percebemos também a presença de recursos paralingüísticos no *corpus*, como defende Marcuschi (1987). Malafaia sorri depois de dizer algo que considera valioso, como marca de auto-aprovação. No exemplo do trecho 2, podemos notar tal aspecto.

O sorriso é usado em muitos outros momentos por Malafaia, só que de forma irônica, como sinal de reprovação, desprezo ou deboche. Como no exemplo abaixo:

Trecho 4:

Olha aí femininas, feministas, ativistas a favor do aborto, agüenta firme porque eu vou desmoralizar o slogan de vocês ((risos)). Olha o slogan. Esse é um slogan das feministas que apóiam o aborto: toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Vamos analisar a frase. Essa é uma frase das feministas pró aborto: toda mulher tem o direito de

controlar o seu próprio corpo. Primeiro, toda mulher, 50% dos fetos que são abortados são mulheres, e não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo. Já começou a furada por aí, entenderam? Se 50% dos fetos são mulheres, e foram abortadas; não tiveram o direito de controlar o seu próprio corpo. Sabe o que é isso aí? Esse slogan, esse slogan é o massacre dos poderosos contra os indefesos. (46'39")

No exemplo 4, encontramos também inserções com introdução de comentários jocosos, que também é uma característica textual. No trecho sublinhado fica-nos claro o ar de deboche e desprezo com que Malafaia faz suas colocações.

E destacamos ainda, no exemplo 4, dois aspectos argumentativos: primeiramente o argumento do ridículo. Ao se referir ao *slogan* das feministas, Malafaia desafia o público a se deleitar com sua intenção de ridicularizar o *slogan* delas e ainda reforça com o uso da expressão “agüenta firme porque eu vou desmoralizar o *slogan* de vocês”. Há também o argumento de retorsão, que se repete nos exemplos 5.

Trecho 5:

Toda mulher tem o direito de controlar o seu próprio corpo. Já falei aqui, o feto não é corpo da mulher. O feto não é prolongamento da mulher, portanto, ela não tem o direito de determinar se o feto vive ou morre. (48'50")

Malafaia usa dos próprios argumentos do interlocutor, neste caso as feministas ativistas, para efetuar sua réplica. Ou seja, retorsão.

No trecho a seguir vemos um exemplo de paráfrase, que diz respeito às características presentes nos aspectos textuais. Concomitantemente, com relação aos aspectos paralingüísticos, podemos destacar a presença do sorriso como marca de deboche e desprezo:

Trecho 6:

Olha a incoerência humana. Escuta isso. Eu já tô terminando,

mas escuta a incoerência do ser humano, como o pecado cega o ser humano. Hoje existem grupos de proteção de baleia, pássaros, flores, até de capim, até erva daninha tem grupos de defesas((risos)). No ambientalismo, se defende baleia, se defende lagosta se defende mico leão dourado, se defende floresta, e o ser humano não defende o seu semelhante, que incoerência do homem, se defende bicho, se defende papagaio, se defende mata, mas a vida humana é coisificada... (1.01'06”)

No trecho 6, em relação aos aspectos argumentativos, encontramos exemplo de argumento fundamentado na estrutura do real, (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Mais especificamente o argumento pragmático do desperdício.

Malafaia mostra sua indignação ao ver os diversos grupos de proteção que existem hoje no planeta. Ele passa a idéia de que há um desperdício de tempo, estudo, trabalho e principalmente valores com relação a tudo isso.

Ele não diz isso de forma clara, mas passa a idéia de que seria melhor se as pessoas estivessem investindo seu tempo, empenho e inteligência, em defesa do ser humano e não apenas de coisas, plantas e animais. Enfim, na visão dele, parece haver um desperdício de esforço.

No mesmo exemplo, trecho 6, e ainda analisando aspectos argumentativos, com relação aos argumentos quase lógicos, encontramos no final do trecho sublinhado uma ocorrência da regra de justiça. Malafaia mostra-se indignado. E parece considerar tal fato, ou seja, “a vida humana ser coisificada”, como uma grande injustiça.

Já no trecho 7, notamos exemplos de reformulação retórica com função cognitiva. Há uma desaceleração, com o objetivo de fazer-se mais ouvido e, conseqüentemente, melhor compreendido. Procuramos fazer a transcrição do trecho para que houvesse maior compreensão da maneira como tal processo se dá.

Trecho 7:

(...) o ser humano perde refe-rên-cias.. querem legalizar tudo... agora não fica chateado comigo não... um ERRO MORAL...NU:::NCA PODE ser... um di-REI-to ciVIL. (...)(18'05")

Considerando os aspectos prosódicos desse exemplo, notamos que antes de pronunciar a palavra “nunca” aparece uma pausa acentuada logo após a palavra “moral”. Ou seja, o falante pretende chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida.

Há também um aumento significativo do volume na palavra “nunca”. Mais uma vez, conforme Cagliari (1999) e Bollela (2006), sinalizando atitude autoritária. Uma tentativa de chamar a atenção do ouvinte para aquilo que se diz.

Ao pronunciar “um direito civil”, ele faz uso da entoação, valendo-se de tons descendentes em nível alto, passando a baixo.

Diante do que constatamos na teoria e com base nas amostras observadas, pretendemos, a partir desse ponto, concluir nossa análise enfatizando elementos que julgamos relevantes e que, talvez, possam esclarecer se há realmente a corroboração aos aspectos prosódicos em relação aos outros aspectos estudados: textuais e argumentativos.

Como já dissemos, em termos argumentativos, notamos na abordagem de Malafaia que seu discurso é farto e diverso. Em relação aos aspectos textuais, ele mostra um leque diversificado de abordagens e estruturas.

Porém, notamos que tanto em relação aos aspectos argumentativos como textuais, Malafaia os trabalha sempre atrelados aos recursos prosódicos. E ainda ponderamos, diante do estudo realizado, que tais aspectos parecem perder boa parte de seu poder de alcance quando não envolvidos pelos recursos prosódicos.

Assim sendo, à luz dos exemplos que verificamos, não seria preci-

pitado afirmar que a prosódia, aliada aos elementos argumentativos e textuais, funciona, de maneira perceptível, como uma ferramenta de incremento na persuasão. Enfim, podemos concluir que o papel da prosódia no discurso analisado é efetivo e marcante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que, em algum momento ao longo do trabalho, certas questões possam ter surgido: Por que a pesquisa abrangeu diferentes áreas ao mesmo tempo? Por que não se concentrou em um único ponto e não se avaliou exaustivamente tal aspecto?

Porque cremos que, para responder aos questionamentos que nos intrigaram inicialmente e nos moveram à pesquisa, o caminho a ser percorrido não poderia ser unilateral, mas sim abrangente e cheio de entrecruzamentos. Por isso, confrontamos amostras, comparamos idéias, cruzamos informações, abordamos pontos diferentes sobre a mesma porção de texto, submetemos a olhares que possibilitavam detectar semelhanças e diferenças e, em especial, observamos cuidadosamente se havia ou não cooperação entre as áreas, e se as mesmas articulavam-se concomitantemente na construção do discurso. Acreditamos que tais aspectos só poderiam ser verificados se houvesse uma abordagem mais ampla do estudo.

Por fim, depois de realizarmos tal tarefa, pudemos concluir que no texto em estudo o orador analisado utiliza diferentes recursos que compõem o discurso.

Ele, ao se valer dos elementos textuais, explora as estruturas do texto escrito, faz, por exemplo, uso de estratégias na transição de um período para o outro, procura manter um encadeamento que atrai o ouvinte e expõe o conteúdo de maneira coerente e clara. Porém, o que se destaca nesse aspecto é o quanto explora as atividades de formulação do texto oral, ele articula, em especial, as estruturas simples e informais,

e explora os fatores constitutivos da atividade conversacional, o que faz com que seu texto aproxime-se muito do texto falado.

Quanto à argumentação, diante do que avaliamos, uma diversidade de abordagem compõe o discurso analisado. O orador articula muitas técnicas e os exemplos que analisamos comprovam o que estamos afirmando. Ele usa os argumentos quase lógicos, os argumentos fundamentados na estrutura do real; vale-se dos recursos de presença; procura gerenciar relações; articula o etos e o patos nos momentos em que constata ser necessário; trabalha suas teses, sejam as de adesão ou a principal de forma variada.

No entanto, consideramos que merece destaque o uso abundante que faz das técnicas argumentativas. Em especial, ele explora constantemente os argumentos quase lógicos e os fundamentados na estrutura do real, talvez na tentativa de agregar valores diferenciados ao seu discurso.

Porém, nosso destaque se ancora nos recursos prosódicos encontrados nesse discurso. Eles recebem do orador uma atenção especial. Quase todos os recursos analisados na teoria são usados em ampla escala no transcorrer da palestra.

O orador valoriza o timbre; tem cuidado com a aceleração e o ritmo; usa as pausas em momentos estratégicos; observa a influência da tessitura nas frases e da oscilação do volume. Enfim, todo esse conjunto não somente enriquece os recursos prosódicos no texto falado, mas também coopera para atrair a atenção do ouvinte, que parece captar os argumentos de maneira mais viva e absorver as estruturas textuais de forma mais abrangente.

Analisando os três aspectos abordados: textuais, argumentativos e prosódicos, é possível dizer que ele consegue estabelecer um elo entre esses elementos em seu discurso, o que provavelmente o torna mais

receptível. Chama-nos a atenção, porém, a maneira como a prosódia se destaca em seu texto.

Diante desse fato, ressaltamos que pode ancorar nessa particularidade o uso abundante dos recursos prosódicos, o ponto mais forte desse discurso, pois, em grande parte da palestra, ele se sobrepõe e se destaca em relação aos outros aspectos.

E ainda como propósito final de nossa pesquisa, podemos afirmar que encontramos nesse discurso fortes marcas de elementos prosódicos atrelados aos recursos argumentativos e textuais. Entendemos que tanto a argumentação como os recursos textuais perderiam parte de seus potenciais se fossem articulados sem os recursos prosódicos; ou seja, a palestra provavelmente não teria o mesmo poder de alcance se fosse proferida sem o especial “apelo” aos elementos prosódicos.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2001.

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Livre I. Trad. de M. Dufour. Paris: Les Belles Letres, 1967.

BOLLELA, M. F. de F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: Unifran, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1).

_____. *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. 2002. 380 p. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999. p. 113-247.

CAGLIARI, L.C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

_____. *Acento em português*. Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Lingüística, v. 4).

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 17).

CORREA, F. Carreira evangélico: levados pelo sonho da evangelização, os pastores têm uma rotina bem parecida com a dos executivos: longas jornadas, cobranças por resultados e estresse. *Você S/A*, São Paulo, n.89, p.64-67, nov. 2005.

EDWARD, J. A fé de resultados: a ação social dos evangélicos explica por que eles avançam. *Veja*, São Paulo, n. 1.860, p. 108, jul.2004.

_____. A força do Senhor: o crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão. *Veja*, São Paulo, n. 1758, p. 88-95, jul. 2002.

FIGUEIRA, M. O Brasil para Cristo: quais aspectos da sociedade brasileira contribuem para que o Brasil seja uma das nações com mais evangélico no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos em número de protestantes? *Sociologia Ciência & Vida*, São Pulo, ano 1, n.7, p.50-59, 2007.

HOMOSSEXUALISMO, aborto, células-tronco: a verdade que você precisa saber. Silas Malafaia. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, s.d. (68 minutos).

INVERSÃO DE VALORES. Silas Malafaia. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, s.d., 62 minutos.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LINHARES, J. Como se forma um pregador: além de freqüentar curso de teologia e de oratória, candidatos a pastor agora aprendem a pregar na TV e portar-se à mesa. *Veja*, São Paulo, ano 39, n.27, p.84-85, jul.2006.

MARCUSCHI, L. A. *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993. Texto mimeografado.

MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70, 1998.

MEURER, J. L; BONINI; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TEXEIRA, F.; MENEZES, R. *Religiões do Brasil: continuidades e rupturas*. São Paulo: Vozes, 2006.